



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018  
p. 357-371.

# Da filosofia à identidade g0y: uma análise do site [www.heterogoy.webnode.com](http://www.heterogoy.webnode.com)

Hadriel Geovani da Silva Theodoro <sup>1</sup>

**RESUMO:** De modo simplificado, pode-se caracterizar um g0y como um homem que mantém relações afetivo-sexuais com outros homens e, ao mesmo tempo, prescreve sua identidade sexual pelo distanciamento daquela tida como homossexual (ou gay). A interdição de determinadas práticas sexuais, como o sexo anal, e a rejeição de simbolismos que perpassam o feminino compõem algumas das estruturas que fundamentam essa dissociação. Em vista disso, o presente artigo procurou verificar as ideologias, discursos e políticas de significação encontradas no principal site brasileiro voltado à temática, nomeado Hetero g0y ([www.heterogoy.webnode.com](http://www.heterogoy.webnode.com)). Tomando-o como um veículo midiático do que é considerado a “filosofia g0y”, a metodologia se pautou justamente na análise de seus elementos discursivos, textuais e imagéticos. O objetivo é contribuir à ampliação dos conhecimentos sobre os g0ys e para a viabilidade de um diagnóstico das categorizações normativas em relação aos desejos, corpos, identidades e expressões de gênero e sexualidades utilizadas para fundamentar a filosofia g0y.

**PALAVRAS-CHAVE:** g0y; filosofia g0y; homoerotismo; sexualidade; comunicação.

**Abstract:** In a simplified way, it can be characterized as one g0y a man holding affective-sexual relations with other men and, at the same time, prescribing their sexual identity by distancing from that taken as a homosexual (or gay). The prohibition of certain sexual practices such as anal sex, and the rejection of symbolisms that pervade the feminine compose some of the structures that support this dissociation. In view of this, this article sought to verify ideologies, discourses and meaning policies found in the main Brazilian site focused on the theme, named Hetero g0y ([www.heterogoy.webnode.com](http://www.heterogoy.webnode.com)). Taking it as a media vehicle of that is considered the “g0y philosophy”, the methodology was based precisely on the analysis of its discursive, textual and pictorial elements. The objective is to contribute to the expansion of knowledge about the g0ys and the feasibility of a diagnosis of normative categorizations regarding desires, bodies, identities and expressions of gender and sexuality used to support the “g0y philosophy”.

**Keywords:** g0y; g0y philosophy; homoeroticism; sexuality; communication.

**Resumén:** De una manera simplificada, se puede caracterizar como un g0y un hombre que sostiene relaciones afectivo-sexuales con otros hombres y, al mismo tiempo, establece su identidad sexual distanciándose de lo que se considera la identidad homosexual (o gay). La prohibición de ciertas prácticas sexuales como el sexo anal, y el rechazo de simbolismos femeninos constituyen algunas de las estructuras que soportan esta disociación. En vista de esto, este artículo trató de verificar las ideologías, políticas y significado del discurso que se encuentran en el principal sitio brasileño sobre el tema, llamado Hetero g0y ([www.heterogoy.webnode.com](http://www.heterogoy.webnode.com)). Tomado como un vehículo de comunicación de lo que se considera la "filosofía g0y", la metodología se basa precisamente en el análisis de sus elementos discursivos, textuales y imaginísticos. El objetivo es contribuir a la expansión del conocimiento sobre los g0ys y la viabilidad de un diagnóstico de categorizaciones normativas relativas a los deseos, cuerpos, identidades y expresiones de género y sexualidades que se utilizan para apoyar la filosofía g0y.

**Palabras clave:** g0y; filosofía g0y; homoerotismo; sexualidad; comunicación.

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP) e doutorando na mesma instituição (bolsista FAPESP). Graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: hgtheodoro@gmail.com

Recebido em 15/04/16

Aceito em 05/06/17

## 1 Introdução

Foucault (1988) há muito já apontava nossa sexualidade como “contida, muda, hipócrita”. A crítica reside no paradoxo entre a complexidade experiencial que a sexualidade humana comporta e a legitimação social de apenas alguns modos determinados do *relacionar-se sexualmente com o Outro*. Contudo, uma vez que compreendemos que a sexualidade está perpassada por variáveis não apenas biológicas, mas também psicológicas, sociais, históricas e culturais, ela adquire significados e sentidos dos mais variáveis possíveis. É nessa perspectiva que observo a necessidade de me posicionar quando verso sobre os g0ys.

Definir um g0y é uma tarefa bastante intrincada, visto que suas estruturações identitárias se desdobram em paradoxos associados às corporalidades, aos gêneros, aos desejos e às sexualidades. Da maneira mais elementar, poderia ser caracterizado como um homem que mantém relações afetivo-sexuais com outros homens e, ao mesmo tempo, afirma sua identidade sexual pelo afastamento daquela que considera homossexual (ou gay). Essa divergência se reflete, por exemplo, na negação de determinadas práticas sexuais, como o sexo anal, e nos simbolismos que tangenciam o feminino. Toda essa arquitetura identitária em torno do g0y se projeta ao outro por meio de discursos que buscam legitimá-la. Mas exatamente quais são esses discursos utilizados pelos g0ys na definição de sua própria identidade sexual? Eles realmente contêm uma ideologia/hegemonia masculina? Seriam exemplos da heteronormatividade<sup>2</sup> que nos impele de forma compulsória modelos de heterossexualidade?

Com o objetivo de esclarecer essas questões, procurei lançar um olhar analítico sobre os discursos encontrados no principal site brasileiro voltado à temática, nomeado “Hetero g0y”. A partir da análise dos conteúdos observados nessa plataforma digital, que abarcam desde de textos explicativos da “filosofia g0y”<sup>3</sup> até links externos para o acesso a grupos de interação off-line, pretendo contribuir para a ampliação dos conhecimentos acerca dos g0ys e, ao promover intrinsecamente uma reflexão acerca de suas identidades e práticas sexuais, para a viabilidade de um diagnóstico das normatizações que permeiam as vivências das masculinidades.

---

<sup>2</sup> Conceito criado por Michael Warner, em 1991. Ao longo do texto ele será melhor explicitado.

<sup>3</sup> Termo êmico encontrado tanto no site Hetero g0y quanto em ambientes de interação online entre g0ys. Ele se refere a um conjunto de princípios que regimentam suas vivências em relação a desejos, práticas sexuais, corporalidades, identidades e expressões de gênero, bem como as múltiplas significações que os perpassam.



## 2 Percurso metodológico

O primeiro contato com o universo g0y ocorreu através da reportagem “Conheça os g0ys, homens que se pegam, mas não se consideram gays”<sup>4</sup>, publicada por um site voltado à comunidade gay. A partir de então comecei uma busca (na Internet) por mais informações sobre os g0ys. Não demorou muito para que encontrasse sites, blogs, fóruns e comunidades de interação online em sites de redes sociais, como o Facebook, o que marca uma forte presença de sociabilidades entre os g0ys no âmbito digital.

Em seguida, entre os meses de junho e julho de 2014, efetuei um levantamento de reportagens sobre os g0ys em grandes portais de notícias, tais como Extra, Veja, Terra e Yahoo.<sup>5</sup> Em toda essa trajetória, o site Hetero g0y se mostrou uma referência para e acerca dos g0ys. Dada essa constatação, decidi analisar mais profundamente os discursos, textuais e visuais, nele contidos, tomando como base os estudos de Wiik (2010; 2012) realizados sobre o site g0y estadunidense G0ys.Org.<sup>6</sup>

Conforme consta em suas páginas, o site Hetero g0y é mantido por um grupo de pessoas de Salvador (BA), Belo Horizonte (MG) e Florianópolis (SC). Ele agrega diversos conteúdos: galeria de fotos, vídeos, versão internacional, acesso a sites de vendas de produtos associados aos g0ys, links para a organização de encontros presenciais, etc., como podemos observar logo em sua página inicial (Fig. 1). Além disso, afirma-se que o site é um “guia para os visitantes saberem quais os são os principais pontos g-zero-y e pode lhe ajudar a atingir a missão de possuir uma visão mais crítica-consciente e a identificar-se, ou não, com uma nova postura sexual masculina”<sup>7</sup>. Assim sendo, ele se converte em uma plataforma digital que congrega elementos integrantes daquilo que se considera a filosofia g0y.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.superpride.com.br/2014/04/conheca-os-g0ys-homens-que-se-pegam-mas-nao-se-consideram-gays.html>>. Acesso em maio de 2014.

<sup>5</sup> Respectivamente: <<http://extra.globo.com>>; <<http://veja.abril.com.br>>; <<http://terra.com.br>>; <<http://yahoo.com.br>>.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.g0ys.org/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.g0ys.org/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.





**Figura 1:** Página inicial do site Hetero g0y

Fonte: <http://heterogoy.webnode.com/>

A metodologia, portanto, está pautada na análise dos conteúdos presentes nesse site. O levantamento dos dados ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2015 e contou com uma exploração de suas páginas a fim de verificar como o site expõe e busca fundamentar e significar as vivências e sociabilidades dos sujeitos que se identificam à filosofia g0y.

### 3 Por entre os meandros da filosofia g0y

Ao buscar compor um padrão de condutas sociais, afetivas e sexuais, os g0ys se inserem concomitantemente em uma trama de embates por significação para que ela seja aceita e validada. Isso esbarra em uma ideologia própria, entendida aqui como “referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistema de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona” (HALL, 2013, p. 295). Assim sendo, ao me referir aos g0ys faço alusão a um sistema de valores, ideologias e políticas de significação aos gêneros no tocante aos desejos, práticas sexuais, corporalidades, identidades e expressões de gênero e sexualidades. Isso já é possível perceber na formação da palavra “g0y”. No site Hetero g0y, quando passamos à página *Sobre nós*, na qual se busca classificar o que é ser um “heterossexual g0y”, há ali uma explicação sobre a imprecisão da origem da palavra g0y. Afirma-se que tenha provavelmente nascido nos Estados Unidos, por volta dos anos 2000, entre surfistas, skatistas e/ou fraternidades masculinas



universitárias. Também se atesta que ela possa estar associada à cultura judaica. Em hebraico “goy” se aplicaria a uma pessoa não-judaica, ou seja, “fora da cultura”. G0y, assim, também poderia se referir àqueles fora da “cultura homossexual”. Há ainda uma terceira referência: as letras g e y de g0y corresponderiam a “geração Y”<sup>8</sup>, para a qual os usos da internet como uma rede de relacionamentos são muito comuns, já que os próprios g0ys se valem dessas possibilidades comunicacionais propiciadas pelo digital para criar comunidades online, conhecer outros g0ys, marcar encontros presenciais, etc.<sup>9</sup>

Com certo afinco, patenteia-se a necessidade de haver uma nomenclatura que caracterize o heterossexual g0y, já que continuamente houve “milhares (ou milhões) de homens que sempre se comportaram dessa forma”<sup>10</sup>, por exemplo:

G0y era absolutamente normal, não apenas na Grécia, mas entre diversas civilizações que em uma história paralela não entraram em contato com a cultura ocidental que basicamente foi formada após a supremacia do império Romano, incluindo as nossas sociedades latinas, como os Maias, Astecas, tupis-guaranis, tupinambás, etc. [sic].<sup>11</sup>

A importância de uma nomenclatura para denominar as práticas g0y desponta justamente nesse termo, por ser através dele que se assentam marcas limítrofes entre o que são e o que não são, sua “essência”. Aproximando-nos um pouco mais desse signo, ao decompô-lo, averiguamos que ele é elaborado pelas consoantes g e y, havendo entre elas o numeral zero. Ele remete ao adjetivo “gay”, que em inglês significa “alegre”, “jovial”, utilizado no senso comum de forma genérica e às vezes pejorativa como designio ao sujeito homossexual. A vogal “a”, porém, é suprimida na formação derivativa de g0y. Essa simples exclusão vocálica já é um forte indicativo, em direta oposição, de que a filosofia g0y se firma na contramão de uma identidade homossexual. É por esse motivo que o zero em g0y adquire uma potência metonímica muito expressiva, pois cabe a ele sinalizar um dos eixos principais da filosofia g0y, a interdição ao sexo anal: “MAS O PRINCIPAL

<sup>8</sup> Conceito sociológico que se refere, de acordo com pesquisadores como Don Tapscott, a um grupo populacional nascido entre as décadas de 1980 e 1990, que teve seu desenvolvimento fortemente marcado pelo consumo, urbanização e, sobretudo, pelas tecnologias. Por isso, também pode ser nomeada de “geração digital” ou “geração internet”.

<sup>9</sup> Ao participar de maneira exploratória de comunidades online g0ys no site de rede social Facebook desde o primeiro semestre de 2014, constatei que os g0ys têm suas sociabilidades fortemente marcadas pelo uso de tecnologias digitais. Também verifiquei que utilizam essas plataformas na organização de encontros off-line. Assim sendo, além de grupos de conversa no WhatsApp (plataforma de mensagens e chamadas de voz para smartphones), encontrei comunidades como *G0ys Ipatinga e região*, *Fraternidade G0y RS*, *G0y RJ*, *G0y interior de São Paulo*, *G0y Natal/RN e região*, *G0y Bahia*, *G0y Belém*, *G0y BH*, dentre outras. Pude igualmente observar a existência de reuniões presenciais, como o “Encontro G0y”, na cidade do Rio de Janeiro, e as “Quintas g0y”, que faziam parte da programação comercial de um hotel para homens situado na capital paulista.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.



é que com o zero em destaque o termo g0y serve designar homens que não praticam sexo anal com outros homens”.<sup>12</sup>

A restrição ao sexo anal entre os g0ys, denotado pelo numeral zero, compõe um princípio restritivo no cerne de sua identidade.<sup>13</sup> Isso significa que um g0y não deve se submeter a outro homem ou submetê-lo a uma posição de “inferiorização”, apesar de poder ter com ele relações sexuais. Instaure-se, então, uma estigmatização do sexo anal, fixando-o como um tabu, o que destitui a região anal de seu potencial de prazer. O sexo anal se converte em uma infração às normas e valores da filosofia g0y, a desqualificar todas as pessoas que o efetuam.

Para explicar este tabu do sexo anal, os discursos do site Hetero g0y recorrem à história. Segundo eles, diferentemente da Grécia e outras civilizações antigas, onde, como mencionado, a “atividade g0y” era comum e socialmente aceita, o Império Romano teria fundamentado um regime de devassidão das relações entre homens, ao se valer do sexo anal como um instrumento de subjugação de seus oponentes derrotados, servindo como uma demonstração de seu poder ao colocá-los em uma conformação de passividade. Define-se esse período como “uma época de depravação e degradação humana” e se estabelece uma relação inveterada entre ela e a chegada de Jesus:

Não à toa foi justamente o período em que a promessa se cumpriu e Jesus se fez homem, ou será que foi uma mera coincidência? Não fica a impressão que justamente os ensinamentos de resgate e de amor pregados por esse grande ser também eram para reequilibrar o sistema absolutamente não feliz e que estava totalmente degradado? [sic].<sup>14</sup>

Depreende-se a projeção de um olhar proveniente da própria filosofia g0y ao passado, ressignificando as sociabilidades de outro período histórico por meio das concepções de sexualidade institucionalizadas no interior da mesma. Ao fazê-la, articula-se, conseqüentemente, tanto uma crítica acentuada ao sexo anal quanto uma ligação religiosa que perpassa a filosofia g0y, ao argumentar que suas práticas não são imorais. No discurso em que se dispõe Jesus como aquele que veio para restaurar os valores perdidos ou deturpados pelo Império Romano, onde o sexo anal era comum, subtende-se que uma relação entre dois homens, sem penetração, seja um ato plenamente concebível, digno, a ser exaltado.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>13</sup> No caso do nome do site Hetero g0y, o numeral zero se encontra cindido por uma barra, a salientar e reforçar ainda mais o tabu do sexo anal.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.



Porque impuro e subversivo, o sexo anal é categoricamente vetado na filosofia g0y. De fato, sua negação é muito mais complexa e está contida na linha do tempo da história humana, significada e ressignificada repetidamente. Scott (1995) destaca que as formas de desejos consideradas como desviantes ou contra-hegemônicas são constantemente reprimidas em sociedades e culturas que primam pela normatização e normalização das experiências sexuais e de gênero. Já Preciado (2008) defende que o tabu do sexo anal está concatenado às relações de gênero, pois o ânus em si não possui um, isto é, não é nem masculino, nem feminino, mas, sim, um centro primordial de passividade. Confirma-se, pois, uma hegemonia do viril, do masculino, da figura socialmente erigida do homem, que povoa o imaginário e se multiplica em arquétipos nos quais tanto o sexo anal quanto a feminilidade estão em segundo plano ou terminantemente fora de questão.

O discurso do masculino na filosofia g0y se assoma notório, pois expressa realmente o sentido da hegemonia, que “funciona por exclusão e marginalização, assim como por afirmação de posições ideológicas específicas” (KELLNER, 2001, p. 149), condensando-se na repulsa àquilo que ao feminino se correlaciona. Reflexionada na filosofia g0y e em uma ideologia própria, esta hegemonia atua como fronteiras entre o g0y e o Outro. Ao rechaçar o sexo anal, o g0y revela o objetivo de não estar cotejado ao feminino e à subordinação que culturalmente pressupõe, resguardada no papel submisso-erótico do passivo sexual. Misse (2007, p. 39), nesse sentido, defende que “a mútua referência entre "passivo sexual" e o conjunto do comportamento sexual feminino (ou de seu "equivalente" homossexual) envolve uma distinção ideológica entre superioridade e vantagem do "ativo" em relação à inferioridade e desvantagem do "passivo"”, posições que acabam por ser representadas como naturais e/ou imutáveis. Em um envolvimento erótico-afetivo-sexual entre homens que não consumam o sexo anal, que não se penetram, a masculinidade e a virilidade estariam preservadas. Mais ainda, transmutar-se-iam em uma espécie de incitamento às características culturais de sua imagética, ou seja, estariam promovendo um benefício a ambos na conscientização de seu “papel masculino” (um papel masculino nos moldes hegemônicos, vale lembrar).

O slogan do site Hetero g0y ratifica a proposição efetuada ao asseverar que ele é “um site para homens modernos e conscientes de seu papel”<sup>15</sup>. É por meio dessa ideologia que os g0ys se classificam como heterossexuais:

Hetero g0y é um *heterossexual mais liberal*, mas que mantém seu *comportamento reto* (straight) e por uma *ética própria masculina*, não faz sexo com homens, apenas faz brincadeiras sacanas,

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.



interações mais leves ou até mais hardes desde que nesses contatos HxH - que podem ser múltiplos, não ocorra *o ato homossexual* e que o *sexo* (ou seja a penetração) seja *exclusiva com mulheres* [sic] (itálico nosso).<sup>16</sup>

Como se pode analisar nesse processo de significação, há um deslocamento da compreensão da prática sexual para o nível da penetração: há sexo tão somente quando se penetra outrem. As relações íntimas que não a envolvam, de acordo com tal asserção, não poderiam ser consideradas como sexuais. Por conseguinte, o sexo tem de ser praticado apenas com mulheres, com as quais a penetração é permitida, conservando a conjectura do ato sexual pressuposto em um binarismo entre o ativo e o passivo, no qual a submissão estaria expressamente atribuída à mulher. Por isso, não se considera as relações íntimas entre dois g0ys como sexo, já que inexistente um passivo sexual, a submissão, a representatividade do feminino. Tampouco cometem o que é tido como a lascívia do “ato homossexual”. Isso posto, reafirmam-se como *heterossexuais liberais* que salvaguardam um “comportamento reto” (referência ao termo *straight*, em inglês), característico do que se convencionou ao homem, corroborando uma ética masculina.

Segundo Miskolci (2013, p. 46), essa complexidade paradoxal se institui com base na heteronormatividade, que “é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo”, processada no heterossexismo, que presume que todas e todos sejam (ou devam ser) heterossexuais. É esse modelo normativo que sanciona esquemas por meio dos quais administramos nossos corpos e os desejos que nele se instigam (BUTLER, 2008). Nesse sentido, os g0ys, ao manterem relações sexuais com outros homens e não aceitarem a nomeação de bissexuais ou homossexuais, por exemplo, demonstram a força e vigência da heteronormatividade, em seu nível ideológico e pragmático. A filosofia g0y se reveste de uma dominação masculina incisiva.

No fundo, os g0ys podem representar agentes e vítimas dessa heteronormatividade. Haja vista que ela compele violências simbólicas e físicas voltadas, sobretudo, a quem rompe normas sexuais e de gênero (MISKOLCI, 2013), os g0ys formulam discursos, uma filosofia e uma identidade sexual próprias, visando um distanciamento das consequências de se infringir a conduta sexual esperada do homem heterossexual em nossa sociedade e cultura. Adentram os campos do desejo homoerótico muito embora busquem se desvencilhar dos ônus dessa “transgressão”. É por essa razão que a deformação do entendimento conceitual do sexo se torna capital nos discursos verificados no site Hetero g0y: exclusivamente por defenderem que a prática sexual envolve, de modo impreterível, a penetração, são capazes de desviar de uma analogia identitária aos homossexuais.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/o-que-e-um-hetero-g%c3%b8y/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.



Devido ao desejo homoerótico que o coloca em certa paridade com uma identidade homossexual, o g0y aparenta estar constantemente justificando um não-pertencimento a esse grupo social, como se verifica na recorrência dos seguintes termos em páginas do site Hetero g0y: "macho de verdade", "homem", "postura masculina", "heterossexual" e "HxH" (homem x homem, ou heterossexual x heterossexual). Uma vez que em nossa sociedade o homossexual é tido como abjeto, perturbador de um ideário de pureza do gênero e da sexualidade, a apreensão em ser associado a ele se justifica, então. Trata-se exatamente do temor em ser considerado, aos olhos do outro, uma abjeção; em testemunhar na própria pele a experiência de ser recusado com repugnância.

Essa relação entre a filosofia g0y e a homossexualidade não é estática e pode apresentar matizes. Na página “Será que sou um g0y?”<sup>17</sup>, assevera-se que “no lado homo [homossexual] também é muito comum a passagem para o mundo g0y, seja por um período temporário ou não, e diversas situações podem povoar o imaginário de quem se sente atraído pelo tema: not-gay, yes-g0y”.<sup>18</sup> Entretanto, há algumas condições para que isso ocorra: se esse homossexual nunca gostou de praticar o sexo anal; se é ativo e gosta de “brincar com outros ativos”; se se sente atraído em “sair com homem e mulher ao mesmo tempo”; se preferia “as sacanagens e as preliminares” ao invés da “penetração e do sexo gay em si”; se não se sentia como membro da comunidade gay nem se comportava em público “como sendo um deles”; e, sobretudo, se “apesar de sentir atração por homens” sempre se considerou “mais masculino”<sup>19</sup>. Somente seria possível a um homossexual passar ao universo g0y se, de fato, nunca se identificara inteiramente com uma identidade (ou identidades) homossexual e os estereótipos a ela enleados.

A analogia se mostra maleável também em referência à bandeira g0y, que, composta de tonalidades de azul e branco, representaria a possibilidade de variantes do masculino, mas não a sua supressão: “a bandeira traz a consciência de que o azul pode até ter *gradações*, mas *DEVE CONTINUAR AZUL*. Dessa forma traz o slogan de que os homens são profundamente unidos e que g0ys permanecem homens íntegros, guerreiros e pacifistas” [sic].<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/sera-que-sou-um-g0y-/>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com>>. Acesso em: fevereiro de 2016. Itálicos meus.





**Figura 2:** A bandeira g0y

**Fonte:** <http://heterogoy.webnode.com/sobre-nos/>

Tais requisitos dizem respeito manifestamente à aversão ao feminino e à feminilidade que as corporalidades do homossexual, principalmente do afeminado, tenderiam a possuir. Trata-se de uma exteriorização de uma ideologia heteronormativa e misógina (CORNEJO, 2013), que desemboca nas nuances do azul em forma de bandeira. Dentro do próprio grupo social ao qual pertence, no que se refere à sua sexualidade, o gay afeminado geralmente é marginalizado por estar em desacordo em algum grau com seu gênero normativo, no que Sedgwick (1993 apud CORNEJO, 2013) intitula de “afeminofobia”, também constatada na filosofia g0y. Atando o conceito de gênero ao de sexualidade, cabe ao homem ser o viril, o ativo, o masculino, o forte, o opressor, o azul, por mais que, no caso dos g0ys, venha a se relacionar intimamente com outro homem – que, vale lembrar, deve apresentar essas mesmas características. O que resta ao feminino é a indiferença e a consequente subalternidade à altivez masculina.

A filosofia g0y, portanto, não apenas desqualifica o gay afeminado, apontado no site como “bicha pintosa”, ao qual se censura qualquer sorte de afinidade e/ou afetividade, mas também a mulher. Para Piscitelli (2009, p. 118), “toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidade e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres”; traços que são considerados inatos. Os discursos do site Hetero g0y e a própria filosofia (ou ideologia) aí condensada intentam promover o g0y como um sujeito distinto, superior, em detrimento do feminino, da mulher, da bicha pintosa, que seriam tão somente o desdobramento de uma passividade silenciosa (e silenciada).

Todas as implicações daí decorrentes repousam em concomitância na tendência religiosa, como observamos na referência a Jesus Cristo e à retomada dos valores morais corrompidos pelos romanos (WIJK, 2010). Em um artigo precisamente sobre a religião, sexualidade e o gênero na filosofia g0y, Wiik (2012, p. 72) explicita que:

(...) o movimento parece ter depositado na “G0y-Centric Theology” (um poderoso construto cultural, (re)ordenador do cosmos e das escatologias), e construído a partir dela, o poder reelaborador do universo simbólico fragmentado pelos estigmas que sofrem frente aos modelos sociais e teológicos hegemônicos [baseados principalmente no Judaísmo e no Cristianismo].



Essa ideologia é mais forte, como o referido autor explana, nos Estados Unidos, pela influência do protestantismo; mas, mesmo assim, ainda verificamos suas reflexões nos discursos do site Hetero gØy, conforme o estabelecimento de expressões antagônicas que perpassam várias de suas páginas e conteúdos: “moral-imoral”, “pureza-impureza”, “ética-perversão”. São elas que justificam a prática g0y e a ratificam, quase se tornando dogmas. Na medida em que categorizam o que é ser macho, heterossexual, masculino, ativo, enfim, g0y, antevê-se a existência automática de seus opostos, a feminilidade, o gay afeminado, o passivo sexual, e assim por diante. Está colocado em jogo todo um forte processo de hierarquização.

Nesses embates frequentes pela significação, a filosofia g0y apresenta outra dubiedade: ao mesmo tempo em que valida uma dominação masculina, concretiza-a pela transgressão de seus princípios. Ela reforça e viola uma hegemonia do masculino. Com efeito, o g0y a modifica quando reitera por um lado a masculinidade e, por outro, a possibilidade de relações íntimas (sexuais e/ou afetivas) entre homens. Em outras palavras, “a replicação dos construtos heterossexuais em estruturas não heterossexuais salienta o status cabalmente construído do assim chamado heterossexual original” (BUTLER, 2008, p. 57). Isso não quer dizer que a filosofia g0y busque sua legitimação social através de uma contestação da hegemonia masculina. Contudo, ela também não se vale da mesma em sua integralidade. Talvez o g0y venha a representar tal dicotomia em uma única identidade sexual. Nesse âmbito, a ambiguidade da força valorativa e discursiva das quais a filosofia g0y se vale, como observamos, por exemplo, no site Hetero gØy, coaduna em uma profunda relação com o armário.

Sedgwick (2007) aponta que uma cultura heterossexista promove discursos e ideologias heteronormalizados, colocando o sujeito homossexual, por mais que sua sexualidade seja assumida em público, constantemente no interior de armários. Isso porque as relações diárias com o Outro demandam-lhe usos de esquemas de sigilo ou exposição. A epistemologia desses armários, proposta pela autora, denuncia os dramas das revelações e/ou ocultações, por vezes coercitivas, de identidades sexuais tidas como desviantes, entremeadas por uma ampla esfera de articulações públicas (Idem).

De fato, o armário está cingido às distinções do público e do privado e não é, de maneira alguma, uma característica correspondente apenas às vivências dos sujeitos homossexuais, apesar de serem os que convivem de forma mais próxima com ele: trata-se de alocar a homossexualidade entre o revelar e o omitir, que os condicionam a um *mostrar-se publicamente* ou *negar-se*. Nesse caso, pode-se recorrer aos recônditos mais sombrios do armário como um modo de proteção às marginalizações, discriminações e violências com as quais sofrem (ou estão suscetíveis) ao tornar



pública sua identidade sexual no interior de sociedades em que predomina uma hegemonia masculina e heteronormativa.

O armário em que o sujeito homossexual se encontra também pode englobar, nos movimentos entre a revelação e o segredo, aquele(a) que tem consciência sobre a sua identidade sexual encoberta até então. O *revelar-se* de um pode significar o *ocultar-se* de outro. Há, por conseguinte, um potencial de prejuízo nessa revelação da homossexualidade que advém em parte do fato de que “a identidade erótica da pessoa que assiste a revelação está implicada na revelação e, portanto, será perturbada por ela” (SEDGWICK, 2007, p. 39).

Por todos os fatores analisados até aqui, pode-se sustentar que o armário está presente, por extensão, tanto na filosofia g0y quanto nas identidades sexuais dela apreendidas, sendo aos g0ys o que Sedgwick (2007) intitula de “segredo patogênico”. Assim, fruto e serva dessa fixação heteronormativa, a filosofia g0y opera a dinâmica do armário; porém, em um sentido contrário. Ao invés pender à extremidade da revelação, volta-se ao lado equivalente ao segredo. Consciente ou inconscientemente, em sua busca incessante por ressignificar um tipo de homoerotismo, valendo-se de uma estratégia pautada na masculinização de suas subjetividades, o g0y se trancafiava em um armário, compartilhado pelos seus iguais, do qual se ausenta unicamente no espaço privado que comporta os silêncios de uma prática sexual socialmente rejeitada, tida como abjeta. Como exemplo dessa assertiva, trago a publicação de um usuário do site Hetero g0y, que se autointitula Joca, na página “Fórum de discussões”:

Olá, recentemente soube da comunidade G0ys e realmente me identifiquei bastante. Resido em Fortaleza, no Ceará. Sou casado, com filhos, família e amigos num cotidiano comum, mas evidentemente mantenho contatos eventualmente com outros homens, no entanto já uma certa dificuldade de envolvimento pelo fato da maioria buscar uma relação sexual completa, onde o que importa é finalizar com penetração (neste caso, se ocorrer, sou ativo), o que nem sempre me agrada, pois o que busco é realmente um envolvimento entre MACHOS sem necessariamente existir a penetração em qualquer um. Já aconteceu relação com casais, o que me deixou mais a vontade, pois havia a presença feminina na relação, mas confesso que estar com um outro cara que tenha as mesmas atitudes e comportamento, com uma postura máscula, sem afetações, mas aberto a toques e carícias, sempre acompanhados de um bom papo e preferencialmente umas geladas ou até outras bebidas para relaxar e animar ainda mais também é muito prazeroso e INTERESSANTE! Quem estiver nesse perfil, estou aberto a contatos. Abraço forte a todos. [sic].<sup>21</sup>

Como podemos notar, fica clara a dicotomia entre uma vida pública heterossexual, que corresponda aos moldes socioculturais de masculinidade – representados na mensagem de Joca pelos termos “mulher”, “filhos”, “família” e “amigos” –, e uma vida privada na qual vivencia

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://heterogoy.webnode.com/forum-de-discuss%C3%A3o/>>. Acesso em: março de 2016.



desejos e práticas homoeróticas – o que se patenteia pelo uso da conjunção coordenativa adversativa “mas” (“*mas* evidentemente mantenho contatos eventualmente com outros homens...”), que indica uma clara oposição de ideias. O armário está colocado aí inversamente, com um estratégico uso protetivo. Pode refletir, então, as constantes tentativas de dissociação por partes dos g0ys ou dos sujeitos que se identificam com a filosofia g0y no tocante a uma identidade tida como homossexual.

Assim sendo, como o assumir-se “não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro” (SEDGWICK, 2007, p. 40), a filosofia g0y pode ser apreendida como promulgadora de uma “cultura do armário”, na qual ele é revertido em um dispositivo não da opressão indicativa da homofobia, como propõe originalmente Sedgwick, mas, sim, em um poderoso aparato de camuflagem. A possibilidade de omitir dentro de um armário parte de seus desejos e práticas sexuais capacita o g0y a sociabilidades que *a priori* não o discriminam, concedendo-lhe “vantagens” que o homossexual – especialmente o afeminado – usualmente não possui.

No jogo de seus desejos, identidades sexuais e expressões de gênero enfatizadas pela masculinidade, o g0y se converte de um possível oprimido a um opressor em potencial, podendo ser entendido como um reflexo “da pluralidade e da incoerência cumulativa das formas modernas de conceituar o desejo pelo mesmo sexo e, portanto, a identidade gay; uma incoerência que também responde à incoerência com que o desejo e a identidade heterossexuais são conceituados” (SEDGWICK, 2007, p. 42).

#### 4 Considerações finais

Por meio de uma análise qualitativa dos discursos contidos no site Hetero g0y, objetivei assinalar algumas das características componentes do que é considerado a filosofia g0y, que rege as práticas afetivas e sexuais daqueles que a ela se identificam. Obviamente, trata-se de uma análise exploratória, de um panorama inicial, mesmo porque, em concordância com Wiik (2012), existem muitos poucos estudos sobre esse coletivo de homens. Assim sendo, uma análise mais apurada acerca dos usos midiáticos pelos g0ys assim como de suas vivências afetivas e sexuais se faz necessária, tendo em vista que as mídias organizam nosso cotidiano e, em decorrência, a sociedade contemporânea. Elas servem, nesse sentido, como um elemento de criação, compartilhamento e consumo de sentidos produzidos socialmente (SILVERSTONE, 2005). As mídias digitais, em particular, têm a capacidade de potencializar modos específicos de sociabilidades e



comunicabilidades até então inexistentes ou restritas (CASTELLS, 2003), com um forte impacto também nas vivências homoeróticas (MISKOLCI, 2009).

A importância do exame incipiente aqui proposto está na investigação de um novo modelo de significar e viver o homoerotismo em um contexto perpassado pela heteronormatividade, homofobia e misoginia. O site Hetero g0y comunica e, porque não, cristaliza uma identidade sexual cuja apreensão é de grande dificuldade, devido às multiplicidades de discursos e práticas que por vezes são discrepantes e contraditórias entre si.

No que concerne ao constructo social do gênero e também da sexualidade, pude apurar as tentativas da filosofia g0y em naturalizar diferenças históricas, de torná-las um corolário genético, biológico e mesmo religioso. No significar flutuante do qual o g0y se vale para construir sua identidade sexual, há uma negociação permanente das identidades e expressões de gênero e das sexualidades segundo binarismos simplificadores, redutores de uma realidade que comporta muito além do mulher-homem, feminilidade-masculinidade, homossexual-heterossexual. Em aditamento, é válido destacar nos discursos verificados no site Hetero g0y os processos reiteradamente empreendidos na tentativa de se estabelecer uma cisão entre identidades e práticas sexuais. A partir dessa disjunção, uma outra identidade sexual aparenta emergir: uma identidade g0y. Ela busca ressignificar as margens sexuais (representadas pelas práticas e sujeitos homossexuais) e as moralidades masculinas.

Ao falar de filosofia e identidade g0y, evidencia-se uma construção identitária hibridizada entre um *relacionar-se* que se justifica por aquilo que repulsa e as mediações em vários níveis comunicacionais que permitem sua existência. Elas fazem repensar nossos próprios entendimentos de gênero e de sexualidade, que se processam na cultura e em sociedade, e questionar esta mesma no sentido de: onde resta a igualdade quando, para poder experimentar formas de desejos abjetos ou desviantes, este sujeito precisa se valer, deliberadamente ou não, de ideologias que resguardam múltiplas discriminações? Talvez esteja na resiliência de uma hegemonia do masculino, que a filosofia g0y acolhe, algum indício de como a opressão das normas que imperam sobre nossos corpos, desejos e experiências sexuais se perpetua nos textos da cultura, fomentando subjetividades que não suportam o diferente e que o normalizam para que se aparente ao máximo com a própria norma, marginalizando veementemente os que dela destoarem.

Por entre um âmbito íntimo, de pessoalidade, e de gestão e regulação social, a sexualidade se compõe como um fulcro em que conceitos biológicos, sociais, culturais, políticos e religiosos



são formulados. Esses irão participar de constantes embates para a produção de sentidos, profusos, cambiantes e muitas vezes antagônicos entre si. É nesse sentido que ocorre a produção de sujeitos sexuados, generificados e sexualizados, e que tem seus desejos e erotismos permeados por fortes construtos sociais e culturais. Os g0ys nos demonstram os funcionamentos desses processos relacionais que envolvem regimes de controle das sexualidades, das expressões de gênero, dos desejos e dos corpos.

---

## Referências

- BUTLER, Judith. *Défaire le genre*. Paris: Éditions Amsterdam, 2006.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio: Record, 2003.
- CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In.: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.
- \_\_\_\_\_. O armário ampliado. Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da Internet. *Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem 2009.
- MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Booklink: NECVU/IFICS/UFRJ; LeMetro/IFICS/UFRJ, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. *Gênero: a história de um conceito*. In: Almeida & Szwako. *Diferenças, igualdade*. São Paulo. Berlendis & Vertecchia, 2009.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual*. Barcelona: Editora Anagrama, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Texto junkie*. Sexe, drogue et biopolitique. França: Éditions Grasset & Fasquelle, 2008.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pauçu* (28), janeiro-junho de 2007: 19-54.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Lyola, 2005.
- WIIK, Flavio Braune. Os G0ys: religião, sexualidade, gênero e identidades homoeróticas na contemporaneidade. *Psicologia, Conocimiento y Sociedad*, (2), nov. 2012, pp. 66-83.
- \_\_\_\_\_. <http://www.goy.org>: cosmologia, interdições e identidades homoeróticas em tempos de cyberspace. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://goo.gl/T1ZtT1> Acesso em out. 2015.

